

O Gdno 25.5.64

meu

"SIESTA"

RUBEM BRAGA

SAUDEI alegremente minha amiga Marlene Dietrich, e pedi notícias do filme «O Anjo Azul», que ela ia fazer em Berlim; na verdade não a esperava na Côte d'Azur neste verão. Lamentei que ainda não se tivesse inventado a caça submarina, mas convidei-a para passear no meu iate pelas ilhas gregas, e assim chegamos ao Brasil, onde notei que ela estava um pouco chocada porque os operários estavam em greve. Discretamente assinei um cheque suficiente para cobrir o aumento de todos eles durante um ano, e mandei distribuir de graça, ao povo, excelentes gêneros alimentícios, tecidos para roupas, sapatos, tênis e bolas de borracha coloridos, assim como flores naturais, de maneira a que ela tivesse melhor impressão de nosso povo. Marlene não soubera de meu encontro com Greta Garbo em minha «vila» secreta do Himalaia, e estava linda na sua rêde azul, tomando cajuda, de tardinha, e ria muito, dizendo que meu alemão tinha um leve sotaque eslavo; eu reconhecia que era possível, pois no último campeonato mundial de xadrez, que me deu o título, eu passara dias falando quase exclusivamente russo. O telefone tocou, era o Tex, empresário de Dempsey, me pedindo segrêdo do que acontecera na véspera, quando eu fôra obrigado a derubar o rapaz com um murro, devido a uma sua referência infeliz à minha amizade com Joan Crawford; mandei dizer ao Jack que não havia nada, continuaríamos bons amigos, e eu como simples amador não tinha interesse em prejudicá-lo em sua carreira. Marlene começou a cantar «Lili Marlene», que só seria divulgada na próxima Grande Guerra, e confesso que me esqueci de minha conferência de cúpula com Gide, Einstein e Chaplin.

x

Quando anoiteceu, caminhamos ao luar, e minha felicidade era tão doce e tão antiga, que me lembrei de uma profecia latina: «Et nox illuminatio mea in delictis meis», e murmurei: «O vere beata nox, in qua terrena celestia, humanis divina junguntur» — mas agora meu latim estava com um leve sotaque alemão.

21

Então ela disse — Rubem... — e sua pele começou a escurecer, percebi que se tratava de minha empregada que me chamava de «seu Rubes», pedindo dinheiro para a conta do padeiro e dizendo que me telefonaram do banco, para ir com urgência lá. «Vou coisa nenhuma!» — digo, e ela me olha espantada...

DN. 7. 6. 64

DN 21 set. 69

284